

A figura da criança na metamorfose de Zaratustra: reflexões sobre uma existência humana criadora na filosofia de Nietzsche

Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos¹

RESUMO: Abordamos a figura da criança na metamorfose de Zaratustra, considerando sentidos que se depreendem desse simbolismo para a reflexão sobre uma existência humana criadora, na filosofia de Nietzsche, com base no discurso “Das três transmutações”, passagem de *Assim falou Zaratustra*. Inicialmente, situamos que a representação da criança consta como conteúdo relevante e implicado ao devir, evocado por Nietzsche da filosofia de Heráclito, para a afirmação do fenômeno dionisíaco. Após, centramos as análises na transmutação de Zaratustra, com enfoque no seu processo de vir a ser, face o protagonismo que apresenta ao seguir na rota existencial em busca do eterno retorno. Em destaque, o simbolismo da criança presente no texto da transmutação reflete a constituição de uma existência humana criadora, do ser que realiza seus processos de construção e desconstrução no desenvolvimento da experiência lúdica. Desse modo, o simbolismo infantil aponta para a afirmação da vida como uma obra de arte, em evidência da constante e sempre renovada da busca pela autossuperação, rumo à transvaloração de todos os valores.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Nietzsche. Metamorfose. Zaratustra. Criança.

INTRODUÇÃO

Abordamos a figura da criança na metamorfose de Zaratustra, considerando sentidos que se depreendem desse simbolismo para a reflexão sobre uma existência humana criadora, na filosofia de Nietzsche, com base no discurso “Das três transmutações”, passagem de *Assim falou Zaratustra* (NIETZSCHE, 2011)², texto em que a figura da criança está inserida em um cenário enigmático e se apresenta com elevado destaque representacional.

Nas análises, primeiramente, situamos nas discussões a figura da criança como um conteúdo extraído, por Nietzsche, da filosofia de Heráclito, cuja interpretação se aplica para a afirmação do fenômeno dionisíaco. A partir dessa discussão basilar, tratamos da representação da criança na metamorfose de Zaratustra, com vistas à reflexão desse simbolismo relacionado à constituição de uma existência humana criadora. Nesse debate, aludimos que Zaratustra se apresenta como personagem distinto, na medida em que desponta como protagonista do eterno retorno. Na conclusão, arrematamos as principais considerações apresentadas ao longo deste escrito.

1 Doutoranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio do Sinos (RS); Professora da Universidade do Estado da Bahia, *campus* XI - UNEB – Serrinha-BA. E-mail: renataadrian@edu.unisinos.br.

2 Este escrito se insere como parte da pesquisa que desenvolvo sobre “A representação da criança no Pensamento de Nietzsche”, no Grupo de Estudos: *Nietzsche, Consciência e Cultura*, (FAJE), coordenado pelo prof. Dr. Adilson Feiler.

1 A FIGURA DA CRIANÇA E O DEVIR NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Nietzsche apresenta uma estratégica discursiva distinta, visto que alia criatividade, profundidade epistemológica e perspicácia no uso da linguagem, de maneira que, contrapondo-se ao uso previsível das palavras, desenvolve encontros fluídos entre a filosofia e linguagem poética, nos quais o uso das figuras de linguagem expressa seu modo peculiar de fazer filosofia. Em destaque, no jogo representacional, o simbolismo da criança consiste como conteúdo implicado ao devir, evocado por Nietzsche da filosofia de Heráclito, para a afirmação do fenômeno dionisíaco. Heráclito observou a presença da simultaneidade nos elementos opostos da natureza, os quais realizam entre si combates contínuos e eternos, no jogo agonístico, para que se manifeste a eterna justiça. Na percepção de Nietzsche, Heráclito trouxe uma nova configuração para a discussão do devir, uma vez que diz: “No meio da noite mística em que estava envolto o problema do vir-a-ser, de Anaximandro, veio Heráclito de Éfeso e iluminou-a com um relâmpago divino” (NIETZSCHE, 2002, p. 102). “Heráclito exclamou mais alto do que Anaximandro: Só vejo o devir” (NIETZSCHE, 2002, p. 16). Assim, Nietzsche, retomando a perspectiva de Heráclito, compreende o devir no fluxo e ritmo eternos das coisas do mundo, em um processo que reflete à própria afirmação da vida. Segundo Oliveira. (2010, p.7): “Nietzsche se filia à visão trágica presente em Heráclito para afirmar que esse princípio agônico formador da existência é a sua característica mesmo e como tal, exige força e altivez”.

Sabemos que a figura infantil está implicada ao do vir-a-ser nesta abordagem filosófica, como podemos reconhecer em distintos textos de sua obra, tais como: aforismo 24 de *O Nascimento da Tragédia* (NIETZSCHE, 1992, 141-142); aforismos VII, VIII, XIX de *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos* (NIETZSCHE, 2002, p. 21). Nestes escritos, a “grande criança que brinca”, Zeus, desenvolve sua arte dionisíaca, por meio de ações configuradas como processos de construção e desconstrução, empregadas sobre o objeto lúdico, em confluência entre o mundo físico e metafísico. No aforismo VI de *A Filosofia na época Trágica dos Gregos*, afirma Nietzsche: “o mundo é o jogo de Zeus, ou em termos físicos, do fogo consigo mesmo, o uno só neste sentido é simultaneamente múltiplo” (NIETZSCHE, 2011, p. 19, 20). Assim, ao realizar seus atos criativos, “a grande criança que brinca” não está subjugada a dadas prescrições ou aos resultados que possam ser demandados como uma previsão que incorre das próprias ações do ser ou de imposições externas, pois o que realiza independe de uma relação funcional,

Ao desenvolver seus movimentos e contramovimentos, a criança segue o fluxo das energias vitais, manifestando, assim, o extravasamento da própria vontade, na composição de sua arte original, que se dá como processo criativo, sempre renovado. O objeto lúdico é composto por elementos da natureza, consistindo como base de criação, na qual sempre é possível desenvolver ações de construção e desconstrução, para a composição fluída da arte, no eterno processo do vir-a-ser. No mesmo sentido, o jogo da criação envolve Apolo e Dionísio, filhos de Zeus, os quais configuram os impulsos: apolíneo e dionisíaco, por intermédio dos quais os embates contínuos, no tempo eterno, se dão de forma cíclica, cumprindo assim um papel de justiça e ordenação dos elementos do cosmos, face a aceitação da realidade

existencial, sem ressentimentos. O combate ontológico é próprio da dinamicidade do jogo e assegura os processos de transformação, no tempo presente, significado no instante e com plenitude. Ao final de cada combate, então, dá-se a reconciliação dos opostos e tudo retorna ao devir, no ciclo eterno. Certamente, a reflexão sobre o simbolismo infantil na filosofia de Nietzsche envolve a discussão da vida como uma composição artística, que se dá de maneira natural, espontânea, como concebida pelos antigos gregos, que ostentavam uma visão trágica de mundo, pela qual a experiência existencial era afirmada sem o peso das valorações morais. Assim, encontravam convergência entre a filosofia e os modos de vida, pois: “O prazer da tragédia advinha da experiência da poiesis” (ACAMPORA, 2018, p. 91).

As representações da criança e do artista expressam a vitalidade do ser no desempenho das ações, mediante o emprego dos processos de desconstrução e reconstrução sobre o objeto lúdico, como arte criadora. Nietzsche enfatiza em *A filosofia na época trágica dos gregos* (NIETZSCHE, 2002, p. 49-50):

Neste mundo, só o jogo do artista e da criança tem um vir à existência e um perecer, um construir e um destruir sem qualquer imputação moral em inocência eternamente igual. E, assim como brincam o artista e a criança, assim brinca também o fogo eternamente ativo, constrói e destrói com inocência – e esse jogo joga-o Aion consigo mesmo. Transformando-se em água e em terra, junta, como uma criança, montinhos de areia à beira-mar, constrói e derruba: de vez em quando, recomeça o jogo. Um instante de saciedade: depois, a necessidade apodera-se outra vez dele, tal como a necessidade força o artista a criar. Não é a perversidade, mas o impulso do jogo sempre despertando que chama outros mundos à vida. Às vezes, a criança lança fora o brinquedo: mas depressa recomeça a brincar com uma disposição inocente. Mas, logo que constrói, liga e junta as formas segundo uma lei e em conformidade com uma ordem intrínseca.

Em destaque, a figura da criança é apresentada por Nietzsche como aquela que desenvolve com potência sua ação lúdica, movida por uma pulsão artística, a partir dos atos ingênuos, espontâneos e deflagrados pelo desejo, portanto prescindindo de uma intencionalidade ou justificativa que se destine a orientar a produção. De tal sorte que, a arte infantil, mística, revela a beleza, advinda da ação livre da criança que brinca, ao tempo em que mostra a transitoriedade da própria ação. Mas, o que designa a figura da criança na transmutação de Zaratustra? De que modos esse simbolismo aponta para uma existência humana criadora, na relação do ser com o mundo?

2 A FIGURA DA CRIANÇA E O DEVIR DE ZARATUSTRA

Tornar-se o que é: eis o cerne da discussão apresentada por Nietzsche no discurso das três mutações, texto em que o personagem Zaratustra se desvencilha da forma de existência

servil, representada pelo camelo, para assumir um tipo de natureza inconformada, refletida com base na figurado leão, configuração que eleva o sentido da busca pela liberdade, em contraposição a toda espécie de cerceamento da vontade estabelecida pela moral. Contudo, se derrubar verdades sedimentadas pela moral exige questionamento a tudo aquilo que resulta no achatamento da vida e até mesmo na sua anulação, a transmutação do ser em leão, ainda não se configura como suficiente para que efetive uma nova relação com a vida, compreendida como afirmativa. Apenas por meio da transmutação de Zaratustra em criança dá-se início a um novo ciclo existencial para esse personagem, que segue em busca do eterno retorno. Para Nietzsche, a figura da criança encarnada por Zaratustra representa a constituição da experiência existencial caracterizada pela inocência e esquecimento. Assevera Nietzsche: “Inocência é a criança e esquecimento, um começar de novo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim” (NIETZSCHE, 2011, p. 30). A inocência é percebida por este filósofo como comportamento natural da criança, quando os condicionamentos morais ainda não se fixaram na memória, por isso ao lidar com seu objeto lúdico desenvolve sua composição artística livre de pressões externas que podem causar receios e limitações. Para Guérvos (2011, p. 62): “O mundo em seu caráter trágico, isto é, em seus aspectos mais terríveis e cruéis, só pode ser justificado nos termos da inocência, do jogo”. Ao brincar, a criança encontra-se diluída na experiência, de maneira que expressa sua vontade guiada pelas pulsões vitais, expressos sobre o objeto lúdico através dos movimentos que impelem os processos de construção e desconstrução; e, a cada novo começo a criança retorna a sua experiência lúdica, sem que sejam necessárias referências do passado para guiar a ação de criação ou destruição do objeto lúdico. A ação lúdica consiste como trabalho natural pela criança, mobilizado a partir dos impulsos instituais, os quais são canais de descarga da energia reveladores da incontável pulsão vital; e, ao realizar seus atos lúdicos, desempenha movimentos espontâneos, intensos e que prescindem de finalizações. Zaratustra, refletido na imagem da criança, pode envolver-se nas ações lúdicas, com despreendimento, para assim realizar, com vitalidade, os processos de construção e desconstrução sobre o objeto tomado como obra de arte de seu desfrute, sem que haja nessa produção um objetivo definido, necessidade de completude ou uma temporalidade delimitada, que demandem uma definição e forma para a composição artística ou direcionamento para os movimentos criativos. O que se mostra, nesse processo, é a prevalência de continuidades e descontinuidades, deflagrada pelo desejo. Quando esse personagem se transmuta em criança, age sem preocupações que recaiam sobre a sua consciência, por isso não se detém com previsões de finalidades ou consequências para suas ações. Além do que, ao se libertar das rédeas morais e dos ressentimentos, passa a não sofrer por causa do sentimento de culpa, por isso pode seguir no seu curso existencial como aquele que se reflete na forma de vida “infantil”. Na compreensão de Scarlett Marton (2015, p. 19): “a eliminação do vírus corrosivo da culpa torna supérflua a preservação da memória, que nada mais faz do que associar dívida e castigo; admitimos o esquecimento. Para Nietzsche (1999, p. 47):

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigo-

roso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar assimilação psíquica).

Diante do exposto, o esquecimento é refletido por Nietzsche como meio que possibilita um novo começo existencial, que se configura de forma sempre renovada, no jogo do devir, face a necessidade de afirmação da vida. De maneira que, o esquecimento serve como mecanismo inibidor daquelas memórias que são próprias da má consciência; apresenta-se como uma disposição natural, positiva, que reflete a saúde instintual.

Zaratustra, agindo com inocência e esquecimento, recepciona a vida em plenitude e intensidade de sentidos, como um “grande sim”, usando a linguagem do amor fati, rumo ao eterno retorno. Na sua rota existencial, expressa constante renovação de si mesmo, além do que decide agir com originalidade, na relação com o mundo, construindo e desconstruindo as experiências de forma natural, sendo guiado pelas inclinações do próprio desejo, no vigor da ação, desenvolvendo-se assim, em seu processo de devir, no qual expressa sua natureza inconclusa e enigmática. Não seria Zaratustra aquele que ao transmutar-se em criança significa sua existência com criatividade, encontrando no ócio a maneira de realizar seu trabalho lúdico?

Na metamorfose, quando a natureza infantil desponta, temos a manifestação do ser que busca a sua originalidade na realização das ações vitais, as quais expressam a potência de uma existência humana criadora, similar a figura do artista. Essa experiência, que se apresenta no tempo intenso e se faz como ação livre das imposições externas, apenas pode ser desenvolvida por homens de espírito elevado, os quais significam o ócio como necessário, constituindo uma relação distinta com o trabalho, que seja correlacionada ao prazer. No jogo da criação, construir e desconstruir são ações que refletem o trabalho prazeroso do ser na constituição da experiência lúdica, consistindo como meios que exemplificam o próprio devir. Ao tornar-se criança, Zaratustra encontra nessa representação sua verdadeira identidade, a qual também lhe serve como disfarce diante do mundo, na medida em que através dela pode expressar suas performances artísticas, de maneira livre e criativa, refletindo em suas ações a vida afirmativa, em busca do eterno retorno. Para o professor Roberto Machado (2011, p. 24): “Em Assim Falou Zaratustra, a forma poética de filosofar tem como ápice o eterno retorno, pensamento trágico que só pode ser adequadamente enunciado através do canto e da palavra poética”. Zaratustra ao tornar-se criança reflete quem de fato é, por isso se faz artista, andarilho, dançarino, mobilizando suas energias para atuar no cenário da vida com liberdade, fluidez e intensidade, isto porque sua consciência está despreendida dos velhos ranços deixados pela moral. Assumindo uma natureza humana, não condicionada, que se deseja liberta, esse personagem afirma a vida como devir, a partir das ações livres de condicionamentos, expressando inocência, que lhe isenta da culpa e dos ressentimentos, e do esquecimento, que se apresenta como um mecanismo natural, necessário para que se efetive um novo começo. Portanto, a figura da criança na metamorfose parece indicar a busca constante pelos sentidos existenciais de uma forma de vida mobilizada pela alegria e disposição de envolver-se na vida

como sendo uma brincadeira, configurada no jogo da criação. As brincadeiras e histórias são meios que expressam a inventividade da eterna criança, como aponta Nietzsche em *Humano Demasiado Humano* (NIETZSCHE, 2017, p. 270):

A eterna criança. — Nós julgamos que histórias de fadas e brincadeiras são coisas da infância: míopes que somos! Como se em alguma idade da vida pudéssemos viver sem brincadeiras e histórias! É certo que as denominamos e vemos de outro modo, mas justamente isso mostra que são a mesma coisa — pois também a criança vê a brincadeira como seu trabalho e as histórias como sua verdade. A brevidade da vida deveria nos guardar da pedante separação das idades da vida — como se cada uma trouxesse algo novo — e um poeta poderia nos apresentar um homem de duzentos anos, um que realmente vivesse sem brincadeiras e histórias.

Confere a Zaratustra ser aquele que ousou pensar o mundo, utilizando para tanto o mais profundo pensamento, por meio do qual pode compreender que tudo que existe no mundo retornará eternamente, na saga do eterno retorno. Zaratustra é disseminador da doutrina eterno retorno, perspectiva além-do-homem, pela qual a constituição dos valores dá a partir do próprio ser. Nietzsche considera que a doutrina do eterno retorno, assumida por Zaratustra, poderia ter sido ensinada por Heráclito, como afirma em *Ecce Homo*, aforismo 3 (NIETZSCHE, 1995, s/p.):

A afirmação do fluir e do destruir, o decisivo numa filosofia dionisíaca, o dizer Sim à oposição e à guerra, o vir a ser, com radical rejeição até mesmo da noção de “Ser” — nisto devo reconhecer, em toda circunstância, o que me é mais aparentado entre o que até agora foi pensado. A doutrina do “eterno retorno”, ou seja, do ciclo absoluto e infinitamente repetido de todas as coisas — essa doutrina de Zaratustra poderia afinal ter sido ensinada também por Heráclito. Ao menos encontram-se traços dela no estoicismo, que herdou de Heráclito quase todas as suas idéias fundamentais.

Destacamos que, ao refletir sobre a figura de Zaratustra, Nietzsche afirma em *Ecce Homo* (p. 88; §3): “Meu conceito de ‘dionisíaco’ tornou-se ali ato supremo...”, expressão que parece indicar a leitura deste filósofo sobre o fenômeno dionisíaco, dentro de experimento da linguagem que se configura como distinto. Nietzsche reflete a partir de Zaratustra o enigma do ser em seu processo de metamorfose, em um cenário de composição de ideias que se apresenta, por vezes, de modo fragmentado, não estruturado, dentro de um discurso complexo e instigante. Desse modo, parece o filósofo intencional traduzir a si mesmo, ao tempo em que indica, a partir da metamorfose, sua perspectiva do “além-do-homem, concebida como busca constante da autossuperação do ser, que se volta ao sentido existencial da busca pelo

eterno retorno. Acrescentamos nesse debate uma consideração elucidativa, apresentada pelo professor Clademir Araldi (2003, p. 22):

No discurso “Das três transmutações”, o caminho para a suprema afirmação é posto como assegurado, na figura da criança que joga na inocência cósmica do mundo natural, para além do peso da obediência e da libertação negativa do leão. A criança, desse modo, simboliza a postura afirmativa do homem no mundo. Entretanto, esses movimentos ou transmutações não ocorrem do mesmo modo ao longo do Zaratustra. O destino de Zaratustra é o de se tornar o mestre do eterno retorno.

Zaratustra efetiva a ruptura com tudo que antes subjugava a sua vontade, aceitando desenvolver-se no percurso existencial na medida em que deixa os remorsos das experiências anteriores. Em busca da transvaloração de todos os valores, ressignifica sua relação com a vida, em meio ao jogo de forças, pois: “Meio-dia: momento da sombra mais breve; fim do longo erro; apogeu da humanidade; INCIPIG ZARATUSTRÁ [começa Zaratustra]” (NIETZSCHE, 2011, p. 25), tempo da transvaloração de todos os valores, projeto da filosofia dionisíaca de Nietzsche, quando, ao nosso ver, a forma de vida infantil pode ser refletida como espelho da maturidade dos adultos.

CONCLUSÃO

No processo de transmutação, Zaratustra parti da contestação dos ditames morais que conduzem o declínio da vontade. Quando expressa insatisfação sobre tudo aquilo que se soma como carga excedente, passa a assumir uma nova visão de mundo que lhe permite ir em busca da verdade sobre si, como espírito livre, agindo para que se dê a renovação dos sentidos existenciais, na intensidade e constância do vir-a-ser. Como arquiteto de si, desenvolve-se na rota existencial em busca da transvaloração de todos os valores, seguindo pelo caminho do vir a ser, que toma por referência a representação da criança, a qual age de forma natural sobre seu objeto lúdico, por meio dos processos de construção e desconstrução. Zaratustra, de modo diferenciado, desponta na filosofia de Nietzsche como protagonista do eterno retorno, assumindo sua existência humana criadora, a partir de sua transmutação em criança, quando sua forma de relação com o mundo se apresenta como a do artista, agindo sobre a realidade com plasticidade. Assim, desenvolve sua experiência existencial como arte, refletida por meio de sua dança, brincadeiras, alegrias, que consistem como formas criativas por meio das quais recepciona a vida como um grande sim. Esta postura diante da vida aponta para um modo ético de pensar e agir, que traz à tona a alegria e a vontade de poder na composição da forma de existência alternativa, criadora, irreverente, do homem de “espírito livre”. Com destaque, as ações artísticas realizadas pela criança, assim como por Zaratustra, configuram a própria força plástica, regeneradora e potente, que se destinada à promoção da constante transformação dos elementos vitais. Por fim, o simbolismo infantil, presente na passagem da transmutação, aponta para a reflexão de uma existência humana criadora na

filosofia de Nietzsche, na medida em que reflete o processo de imersão do ser na experiência lúdica, em que as ações de construção e desconstrução expressam a potência da constituição do ser na vida afirmativa, como um processo de eterno devir.

REFERÊNCIAS

- ACAMPORA, Christa Davis. *As disputas de Nietzsche*. Tradução: Peterson Roberto da Silva; revisão técnica e organização, Jean Gabriel Castro da Costa. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.
- ARALDI, Clademir. Das três mutações. *Seara Filosófica*, n. 9, verão, 2014, p. 7-26. ISSN 2177-8698. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/searafilosofica/article/view/4548/3922> Acesso em 20 de setembro de 2023.
- GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. “A dimensão estética do jogo na filosofia de F. Nietzsche”. *Cadernos Nietzsche*, 28; p. 49 a 72, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7764/5305>. Acesso em 02 de março de 2022.
- MACHADO, Roberto. *Zaratustra: Tragédia nietzscheana*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo, “a concepção básica de Zaratustra”. *Cad. Nietzsche*. Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.2, p. 11-46, julho/setembro, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-82422015v3702sm>. Acesso em: 14/11/2023.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na época trágica dos gregos*. Tradução de J. Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Um livro para todos e para ninguém. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. Um livro para espíritos livres. Volume II. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Cia. das Letras, 2017.
- OLIVEIRA, Joelson Roberto de. “Nietzsche e o Heráclito que ri”. *Veritas*. Porto Alegre. V. 55. N3. Set/dez de 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/6263>. Acesso em 02 de março de 2022.